

## **O que pode um corpo trans no Congresso Nacional? Testemunho jornalístico, corporalidade e o mal-estar contemporâneo em torno de Erika Hilton e Duda Salabert<sup>1</sup>**

Carlos Augusto Pereira dos Santos Júnior<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense – UFF

### **Resumo**

Este artigo propõe uma análise da presença de corpos trans e travestis no Congresso Nacional, focando nas trajetórias de Erika Hilton e Duda Salabert - deputadas federais trans eleitas no Brasil no processo eleitoral de 2022, a partir de matérias jornalísticas. A partir do Mal-Estar Contemporâneo (Freud, 1930), a pesquisa investiga como as tensões sociais e culturais impactam a construção de subjetividades em um contexto de moralidade excludente. Também é discutido o efeito da transfobia sobre as identidades (Butler, 2017). Metodologicamente, são articulados dois operadores: o testemunho do corpo (Santos Júnior, 2024) e o testemunho midiático (Frosh e Pinchevski, 2009; Resende e Peres, 2016; Maia e Fernandes, 2023), como formas de pensar a inscrição da dor, da resistência e da política no discurso jornalístico e na cena pública.

**Palavra-chave:** Corpo Trans; Transfobia; Mal-Estar Contemporâneo; Subjetividades; Testemunho Midiático.

### **Introdução**

Marcada pela exclusão sistemática de corpos dissidentes e marginalizados em razão de suas marcas de raça, gênero e sexualidade (Butler, 2017), a história política brasileira testemunhou um feito inédito em outubro de 2022. Pela primeira vez, duas mulheres travestis foram eleitas deputadas federais no Brasil - um país onde, a cada três dias, uma pessoa trans é assassinada - conforme aponta o Levantamento da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, que observou um aumento de mortes em 2023. Erika Hilton (PSOL-SP) e Duda Salabert (PDT-MG) - únicas mulheres travestis a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP 17 - Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM-UFF e atualmente também cursa MBA em Data Science e Analytics na Universidade de São Paulo (USP). É assistente de Comunicação na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e integra a equipe de divulgação do Prêmio Vladimir Herzog. Mestre em Comunicação pelo PPGCOM-UFOP (com mestrado sanduíche na Eslováquia com bolsa do governo Eslovaco NSP) e graduado em Jornalismo pela UFOP, com intercâmbios na Universidad del Rosario (Colômbia) e na University of Nebraska (EUA) Participa dos grupos de pesquisa LAN (PPGCOM-UFF) Ponto (UFOP), e JorNaL (AplicaJor).

ocupar uma cadeira no Parlamento Brasileiro, romperam uma barreira histórica ao conquistar, por meio do processo democrático, um dos espaços mais tradicionais e patriarcais do poder institucional: a Câmara dos Deputados. No entanto, suas eleições não ocorreram em um vácuo histórico.

Suas presenças desestabilizaram a lógica excludente que há séculos marginaliza corpos trans e travestis no Brasil, transformando-as não apenas em parlamentares, mas em alvos constantes de violência e contestação. O Parlamento, território historicamente cisheteronormativo, viu-se, pois, diante do confronto entre a política institucional e as demandas urgentes por representatividade, escancarando o mal-estar que a extrema direita manifesta diante da emergência de novas subjetividades no jogo político. Desde a posse das parlamentares, ambas enfrentam ataques transfóbicos sumários, muitos deles proferidos diretamente por homens e mulheres cis parlamentares da extrema direita, que as tratam como adversárias políticas e, em grau ainda maior, como alvos de uma guerra ideológica contra a diversidade inserida e testemunhada em seus próprios corpos (Butler, 2017; Rubin, 2017).

O *corpus* da análise é abarcado a partir de três reportagens publicadas em veículos de imprensa como a Revista Piauí, CNN Brasil e Portal UOL que cobriram casos de transfobia sofridos por Erika Hilton e Duda Salabert durante seus mandatos. Assim, é possível entender como a transformação do corpo travesti em um campo de disputa simbólica reflete o processo de construção de uma identidade política que desafia as hierarquias de gênero e a lógica cisnormativa. Esse fenômeno, para além disso, também expõe a fragilidade da suposta ordem democrática, revelando, a violência das estruturas de poder dominantes e o mal-estar da sociedade contemporânea brasileira.

## **1. Corpos Travestis e o Mal-Estar Contemporâneo: Hostilidade e Resistência**

O Mal-Estar Contemporâneo, conforme Freud (1930), surge como uma consequência inevitável da civilização, que impõe a repressão dos impulsos individuais em nome da convivência social. Embora essa repressão seja parte da manutenção da ordem, ela gera tensões psíquicas e sociais, que se manifestam em um mal-estar coletivo. O psicanalista (1930) observou, por exemplo, que, à medida em que a civilização exige uma conformidade cada vez maior, o sujeito se vê progressivamente

afastado de sua liberdade e autenticidade, o que provoca uma frustração existencial refletida em sintomas sociais. O autor destaca ainda que, as instâncias psíquicas superiores, subjugadas ao princípio da realidade, passam a governar a psique, enquanto o propósito da satisfação torna-se completamente abandonado.

O fascínio pelo interdito, o apelo das forças transgressoras, pode ser compreendido a partir dessa mesma economia psíquica. Se, conforme Freud (1930), a cultura é construída sobre a repressão da pulsão e a inibição dos desejos primordiais, então o interdito sempre carregará uma potência de sedução que se manifesta na tensão entre o princípio do prazer (*Lustprinzip*) e as exigências civilizatórias. A impossibilidade de sua plena realização, no entanto, converte-se em um estado de carência estrutural, naquilo que Lacan (1963) chamaria de um *manque-à-être*<sup>3</sup>, um vazio constitutivo que move o desejo, mas jamais o sacia por completo. Neste sentido, o mal-estar é intensificado pela tentativa desesperada do sujeito em modificar a realidade que lhe causa sofrimento, levando-o, muitas vezes, à ruptura com o mundo e a destruição de si à busca de um Outro.

## 2. Testemunho, corporalidade e subjetividades travestis no espaço político

Em contextos de violência simbólica e exclusão social, a liberdade dos corpos dissidentes e suas subjetividades é restringida, transformando-os em alvos de disputas que afetam sua presença no espaço público e buscam, de certo modo, aniquilar existências por meio do discurso. O corpo travesti e a dimensão testemunhal torna-se um território de embate, onde insultos e ataques transfóbicos operam como mecanismos de reforço de uma normatividade excludente. Como aponta Bento (2014), a transfobia opera por meio da negação de humanidade às pessoas travestis e trans, retirando-lhes o direito à autodeterminação e reforçando sua marginalização estrutural.

Sob essa ótica, Foucault (1998) observa que a administração dos corpos se estende aos discursos, à economia e às políticas estatais, tornando-se um instrumento de controle social que define quais corpos são legitimados e quais são marginalizados. No

---

<sup>3</sup> Tradução nossa do original em Francês: *Falta de ser*. “A única coisa de que não se pode ser culpado é ter cedido ao desejo”. Para Lacan, a falta de ser é a condição de existência do sujeito separado do complemento materno. Disponível: <[Le manque à être selon Jacques Lacan - Blog EFPPBlog EFPP](https://efpp.blog)<https://efpp.blog>> Blog>. Acesso: 02 fev. 2025

---

caso das pessoas travestis, essa lógica se traduz na interdição de sua presença em espaços de poder, na negação de direitos básicos e na violência cotidiana que enfrenta, tanto institucional quanto socialmente. Berenice Bento (2006) argumenta que a transfobia não é tão somente um problema moral ou comportamental, mas um mecanismo estruturante da organização social, que define o que é inteligível na norma cisheteronormativa. A violência contra travestis e mulheres trans, portanto, não pode ser reduzida a episódios isolados de discriminação; trata-se de uma engrenagem política que assegura a perpetuação da desigualdade.

Paradoxalmente, essas transgressões muitas vezes são normalizadas e vistas como inerentes ao *milieu* sociocultural, em grande parte devido aos imperativos econômicos que pressionam os indivíduos a aderir às normas corporais estabelecidas (Connel, 1995). Esse paradigma perpetua o estranhamento dos indivíduos em relação ao valor intrínseco e à autoconsciência de seus próprios corpos. Historicamente, também é evidente que o corpo tem sido submetido a múltiplas formas de controle com o objetivo de sua subjugação (Foucault, 1998; Rubin, 2017).

Por óbvio, essa construção discursiva é atravessada por relações de poder, uma vez que a visibilidade ou a omissão de determinados sujeitos não é neutra (Moraes, 2022), embora, na realidade, reflita muito mais as estruturas sociais que determinam quem pode falar e quem permanece inaudível. No caso da transfobia e da violência contra corpos dissidentes, o *testemunho jornalístico* e o *testemunho do corpo* (Santos Júnior, 2024), tido como abjeto, podem tanto reforçar estigmas e estereótipos quanto funcionarem como um espaço de resistência, ao amplificarem vozes historicamente apagadas. Entretanto, como destaca Resende e Peres (2016), a simples exposição do sofrimento não é suficiente para produzir justiça simbólica, sendo necessário um enquadramento que contextualize estruturalmente as desigualdades e evite a espetacularização da dor.

### **3. O testemunho do corpo de Erika Hilton e Duda Salabert**

Conforme Santos Júnior (2024), o *testemunho do corpo* refere-se à noção primeira da corporalidade como um espaço de resistência e testemunho de experiências de opressão. Especialmente nos ataques que ambas sofreram no cenário político

brasileiro, o corpo de figuras políticas travestis como Erika Hilton e Duda Salabert se torna central na representação da violência simbólica da transfobia. Na reportagem da *Revista Piauí*, “A Camaleoa: as glórias e tragédias que produziram Erika Hilton”<sup>4</sup>, publicada em 29 de julho de 2024, destaca-se a fala transfóbica de Pastor Eurico contra Erika Hilton, ao chamá-la de "sem útero".

No contexto da transfobia e da negação da diversidade de gênero, o mal-estar contemporâneo manifesta-se na hostilidade contra corpos dissidentes. A transfobia, nesse sentido, pode ser entendida como uma expressão desse mal-estar, uma tentativa de conter a ruptura que corpos trans e travestis impõem ao modelo tradicional de gênero, sobretudo nos espaços de poder com maior visibilidade, poder de tomada de decisão e representatividade. A violência simbólica – como a fala do Pastor Eurico sobre Erika Hilton – revela o esforço de reafirmar fronteiras identitárias rígidas, pois, para essa lógica conservadora, a possibilidade de existir para além do binarismo de gênero desafia a própria estabilidade hierárquica e psíquica da sociedade.

O ataque de Eurico ilustra, assim, um mal-estar social mais amplo, no qual a ascensão de figuras trans na política desafia hierarquias históricas e provoca reações violentas daqueles que percebem tais avanços como uma ameaça à estabilidade normativa. Essa lógica se repete em diversas esferas do debate público, reforçando a necessidade de compreender o papel do jornalismo como um veículo de registro dessas disputas, mas também como um espaço de resistência contra discursos de exclusão.

No entanto, a resistência de Hilton e Salabert, conforme destacam as reportagens do *Portal UOL* e da *Revista Piauí*, também é uma resposta a esse mal-estar contemporâneo. Ao se afirmarem publicamente como mulheres trans e ocupar posições de poder, elas desafiam diretamente o sistema de exclusão e reconstróem suas identidades de gênero dentro de um espaço político historicamente dominado por figuras cisgêneras. Suas presenças no parlamento e suas reações aos ataques constituem, portanto, uma forma de resistência a essa crise social que tenta invalidar as identidades trans, como afirma Duda Salabert:

Não passo um mês sem receber uma ameaça de morte. A minha campanha figurou como a que mais sofreu ameaças de morte no Brasil nessa última

---

<sup>4</sup> Disponível para assinantes em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/as-glorias-e-tragedias-que-produziram-erika-hilton/>. Acesso: 22 dez. 2024.

---

eleição. Tive que votar com colete à prova de bala. Inicialmente eram ameaças por e-mail, depois começaram a chegar físicas mesmo, cartas no gabinete. São 45 dias de campanha, nos primeiros 15 dias eu recebi 10 ameaças de morte (Portal UOL, 2022, online).

De acordo com Santos Júnior (2024), essa é uma violência que busca não apenas calar as vozes, como aniquilar a própria possibilidade de existência de corpos que não se ajustam à norma estabelecida. No caso de Hilton e de Salabert, seus corpos se tornam um campo de resistência. Ao mesmo tempo que são atacados, é através deles que elas continuam a lutar pela visibilidade e o reconhecimento da identidade travesti no espaço público e político. Da mesma forma, Duda Salabert, conforme relatado pela CNN Brasil, também é alvo de ataques semelhantes. Nikolas Ferreira, em suas declarações, mesmo processado, disse que continuaria a se referir à parlamentar como "ele", negando-lhe o direito de ser reconhecida como mulher.

Esta forma de negação da identidade de gênero é uma tentativa de desqualificação da experiência subjetiva das pessoas trans e travestis, um processo de invisibilização e desumanização do corpo que se torna um testemunho da violência simbólica imposta a essas figuras. Nesse contexto, Hilton e Salabert são mais que somente figuras políticas; elas tornam-se corpos testemunhais, marcados pela violência e resistência política.

#### **4. Testemunho Midiático: a mídia como palco de violência e resistência**

O conceito de *testemunho midiático*, inspirado por Frosh e Pinchevski (2009) e Resende e Peres (2016), se refere ao papel da mídia na construção e disseminação de discursos que atuam como testemunhos de uma realidade social. As reportagens sobre Erika Hilton e Duda Salabert, no *Portal UOL* e na *Revista Piauí*, evidenciam ainda como as agressões transfóbicas são amplificadas por meio da mídia, tornando-se um reflexo de uma realidade política, mas também um meio de resistência.

Na reportagem do *Portal UOL*, a forma como as falas de Nikolas Ferreira e Pastor Eurico são reportadas colocam Hilton e Salabert em um espaço de visibilidade que não é neutro. Ambas as deputadas se tornam protagonistas de uma narrativa que, embora marcada por ataques, também lhes permite responder e contestar os discursos transfóbicos. A mídia, portanto, ao dar espaço para essas respostas, também se coloca como uma arena onde a resistência é possível, e onde o discurso de ódio encontra uma

---

contra-narrativa. As matérias sobre Hilton e Salabert, mesmo ao reportarem as agressões, abrem um campo para a visibilidade da resistência trans, ainda que os agenciamentos no jornalismo brasileiro sejam limitados e quase sempre inexistentes.

O mal-estar contemporâneo, neste sentido, emerge da tensão inevitável entre os impulsos individuais e as restrições impostas pela civilização. Essa tensão gera uma dificuldade latente em lidar com o diferente sem recorrer à agressão ou à negação, tornando-se especialmente evidente na maneira como corpos dissidentes são tratados social e politicamente. No caso das deputadas Erika Hilton e Duda Salabert, a transfobia estrutural se manifesta tanto na violência discursiva de representantes políticos quanto na recusa sistemática em reconhecer seus direitos dentro da institucionalidade democrática. A reportagem da CNN Brasil (2023) destaca esse embate ao registrar a decisão do relator do processo contra Nikolas Ferreira, que reiterou que "pensamentos de natureza ideológica, em dissonância aos entendimentos consolidados pela ciência, não podem se sobrepor à autodeterminação" (CNN Brasil, 2023) de uma pessoa trans. O caso expõe como a transfobia opera na violência física, na tentativa de instrumentalizar a biologia como justificativa para exclusões políticas e jurídicas, reforçando uma lógica de dominação que busca inviabilizar a existência de corpos dissidentes no espaço público.

Esse processo de negação do Outro está diretamente ligado ao fascismo, que opera pela construção de inimigos internos e pela recusa da pluralidade de existências. A reportagem da Revista Piauí (2024) exemplifica essa dinâmica ao narrar as tentativas de parlamentares conservadores de inviabilizar o XXI Seminário LGBTQIA+ do Congresso Nacional, destacando a experiência de Hilton no ambiente político:

Agora, deputados das alas conservadora e da extrema direita têm feito o que podem para atrapalhar a realização do XXI Seminário LGBTQIA+ do Congresso Nacional, previsto para a primeira semana deste mês de agosto. Em outros anos, o seminário teve o apoio coletivo das comissões temáticas da Câmara. Desta vez, Nikolas Ferreira, que preside a Comissão de Educação, se recusou a colocar em votação o requerimento de Erika com o pedido de apoio. O requerimento também não foi aceito na Comissão de Trabalho, presidida por Lucas Ramos (PSB-PE), nem na de Relações Exteriores e de Defesa Nacional, presidida por Lucas Redecker (PSDB-RS). "A saúde mental aqui é um esgoto, é trash", reclama a deputada (Revista Piauí, 2024, online).

---

O testemunho midiático dessas violências revela a perseguição institucional enfrentada por parlamentares trans e travestis, além de reforçar o impacto psíquico desse processo. A fala de Hilton sobre a saúde mental no Congresso ressoa com o que Freud (1930) identifica como um sintoma central do mal-estar contemporâneo: a angústia resultante da tentativa de suprimir diferenças e impor um ideal normativo restritivo. Para corpos trans, essa experiência se intensifica diante da necessidade constante de se reafirmar contra um sistema que busca apagá-los. Nesta mesma esteira, como mostra a matéria do Portal UOL (2022), a percepção de vulnerabilidade no espaço político não é uma abstração. É uma realidade concreta e historicamente enraizada. Duda afirma que, ao saber do assassinato de Marielle Franco, compreendeu aquilo como um recado:

Aquele tiro foi contra a Marielle, o que ela representava, mas também em quem ousasse seguir o caminho dela. Pensei em desistir naquele dia. Mas depois pensei que, se fosse necessário dar um passo pra trás pro grupo que faço parte, dar três passos pra frente era o que eu ia fazer (Portal UOL, 2022, online).

O corpo travesti, nesse contexto, torna-se um testemunho midiático, uma presença que carrega em si as marcas da violência estrutural e, como efeito, da resistência política. Como propõe Santos Júnior (2024), esse corpo expõe a brutalidade da transfobia, embora também funcione como um arquivo vivo de lutas e sobrevivências. Em outras palavras, a mídia, ao narrar essas experiências, pode tanto amplificar essas vozes quanto reproduzir os próprios mecanismos de exclusão que critica. O desafio, portanto, não está apenas na visibilidade. Encontra-se na forma como essa visibilidade é construída: se reforça o mal-estar e a precarização da existência trans ou se possibilita a agência política e o direito à diferença.

## **Considerações finais**

Logo, os processos de negação podem ser observados na trajetória de pessoas trans e travestis na política, que enfrentam uma sociedade que, ao reagir com hostilidade, desprezo e marginalização, nega o reconhecimento de suas identidades e a aceitação da alteridade em sua totalidade. Segundo Lacan (1996), o Eu constitui-se a

---

partir do olhar do Outro, da intersubjetividade, sendo o reconhecimento do Outro fundamental para a afirmação do sujeito. Quando esse reconhecimento é negado, como ocorre frequentemente com pessoas trans e travestis, o Eu se vê fragmentado e deslocado, incapaz de se afirmar de maneira plena.

Em especial, as reportagens jornalísticas analisadas, de modo ensaístico, que relatam o corpo travesti no Congresso Nacional, ao explorar a vida e a subjetividade dos indivíduos, não se limitariam a seguir metodologias tradicionais, mas, em grande medida, encontrar novos horizontes para a prática jornalística, ao incorporar dimensões de reflexividade e questionamento das normas estabelecidas. Conforme Maia e Fernandes (2022, 169), "ao alinhar os métodos de produção de reportagens com os procedimentos usados para escrever sobre os outros, os jornalistas podem apontar novas possibilidades para a própria prática do jornalismo". É a partir desse corpo singular, e, ao mesmo tempo, coletivo, que a mídia também se torna capaz de contextualizar resistências, lutas e suas subjetividades em um mal estar que é coletivo, de ordem histórica e profundamente atrelado à transfobia no Brasil.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ASHIRO, T., and A. Pinchevski. 2009. "Witnessing as a Field" In **Media Witnessing: Testimony in the Age of Mass Communication**, edited by P. Frosh, and A. Pinchevski, 133–157. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BUTLER, Judith. Vulnerabilidad corporal, coaliciones y política de la calle. **Nómadas**, Colômbia, n. 46, p. 13-29, abril/2017.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Crianças e mulheres são as maiores vítimas da guerra na Faixa de Gaza, ressaltam debatedores**. Câmara dos Deputados, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1056658-criancas-e-mulheres-sao-as-maiores-vitimas-da-guerra-na-faixa-de-gaza-ressaltam-debatedores/>. Acesso em: 26. jan. 2025.
- CONNELL, Raewyn. 1995. **Masculinities**. Cambridge: Polity Press.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1997-1998.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização** (*Das Unbehagen in der Kultur*). 1930.

---

FROSH, Stephen; PINCHEVSKI, Amit. *Media Witnessing: Testimony in the Age of Mass Communication*. Palgrave Macmillan, 2009.

GONÇALVES, F. 2004. “Performance: um fenômeno de arte-corpo-comunicação”. *Logos*, 11(1), 76-95. Available at: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14676>. Acesso: Janeiro, 2025.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião: o simbolismo no cristianismo e nas religiões primitivas*. Trad. Sérgio L. L. A. Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1953.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Trad. Maria Rita Kehl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LOURO, L. 1997. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

MAIA, Marta. R.; FERNANDES, Elias. A transparência no processo de produção das biografias Lula e Marighella. *Esferas*, n. 25, p. 160–180, 17 nov. 2022.

MORAES, Fabiana. *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2007.

PERES, Ana C.; MAIA, Marta R. JORNALISMO DE TEOR TESTEMUNHAL: contribuições para um diálogo possível entre a pauta e a narrativa. In: *ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/jornalismo-de-teor-testemunhal-contribuicoes-para-um-dialogo-possivel-entre-a-pa?lang=pt-br>>. Acesso em: 12 jan 2025.

PORTAL UOL. **Duda Salabert sobre ameaças de morte: ‘Desculpa alguma coisa que fiz?’**. UOL Universa, São Paulo, 11 abr. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2024/04/11/duda-salabert-desculpa-alguma-coisa-ameacas.htm>. Acesso em: 15 fev. 2025.

PERES, Ana C.; MAIA, Marta R. JORNALISMO DE TEOR TESTEMUNHAL: contribuições para um diálogo possível entre a pauta e a narrativa. In: *ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/jornalismo-de-teor-testemunhal-contribuicoes-para-um-dialogo-possivel-entre-a-pa?lang=pt-br>>. Acesso em: 16 fev. 2025.

RESENDE, Fernando; PERES, Ana C. Nós, as testemunhas: notas sobre um jornalismo de teor testemunhal. *Dispositiva*, v. 5, n. 2, p. 121-137, 17 ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/p.2237-9967.2016v5n2p121-137>. Acesso em: 8 jan. 2025.

REVISTA PIAUÍ. **A camaleoa: as glórias e tragédias que produziram Erika Hilton**. Piauí, São Paulo, 29 jul. 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/as-glorias-e-tragedias-que-produziram-erika-hilton/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. Títulos originais: Thinking Sex e The Traffic in Women São Paulo: Ubu Editora, 2017.